Hermenēus
Revista de traducción e interpretación

Ed UVa EDICIONES Universidad Valladolid

João DO RIO, «Las mariposas del lujo»

João DO RIO, «As mariposas do luxo»

Traducido por SEBASTIÁN FUENTES-MEDINA
Universitat Jaume I (UJI). Facultad de Ciencias Humanas y Sociales: Departamento de Traducción y Comunicación. Avenida Vicent Sos Banyat, s/n. 12071. Castelló de la Plana). España.
Dirección de correo electrónico: al450938@uji.es ; sebastianfuentes2110@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9404-2604
Recibido/Received: 14/1/2025. Aceptado/Accepted: 28/1/2025.
Cómo citar / How to cite: Do Rio, João, «Las mariposas del lujo», trad. Sebastián Fuentes-Medina, *Hermēneus. Revista de Traducción e Interpretación*, 28 (2026): pp. 677-687.
DOI: https://doi.org/10.24197/ddw7nt69

PRESENTACIÓN

João do Rio fue un periodista, cronista y dramaturgo brasileño destacado por reflejar en sus crónicas el comportamiento de diferentes escenarios inmersos en la ciudad de Río de Janeiro del siglo XX, época en la que la ciudad procuraba nuevos cambios urbanísticos con el propósito de alcanzar la modernidad y el cosmopolitismo de las capitales europeas. En este sentido, la crónica titulada *As mariposas do luxo* se localiza en la calle del Ouvidor, una calle estrecha que se destacó por la gran influencia europea en el comercio, así que se trataba de un lugar que contaba con las tiendas más prestigiosas y las principales librerías y cafeterías de la ciudad. A través de esta crónica, el autor busca describir a mujeres trabajadoras atraídas por los lujos que muchas de ellas no podían obtener, mujeres que anhelaban usar cualquier joya, quizás como un símbolo de poder que representaba en dicha época. De esta forma, el autor acude a la comparación del interés de las mujeres por las joyas con la obsesión de las mariposas por acercarse a las luces (Barreto, 2022, p. 4).

Está crónica fue publicada originalmente en el periódico carioca *Gazeta de Notícias* el 23 de marzo de 1907 y posteriormente fue recogida en el volumen *A Alma Encantadora das Ruas,* publicado por H. Garnier en 1908. La inclusión de esta crónica en el volumen responde al proyecto de João do Rio de reunir a distintos aspectos de la vida urbana y de las desigualdades sociales de Río de Janeiro. En este conjunto, esta crónica hace parte de la sección *Três aspectos da miséria,* en la que el autor dirige su mirada hacia

las condiciones de vida y las experiencias de los sectores populares de la ciudad.

***

AS MARIPOSAS DO LUXO

—Olha, Maria…

—É verdade! Que bonito!

As duas raparigas curvam-se para a montra, com os olhos ávidos, um vinco estranho nos lábios.

Por trás do vidro polido, arrumados com arte, entre estatuetas que apresentam pratos com bugingangas de fantasia e a fantasia policroma de coleções de leques, os desdobramentos das sedas, das plumas, das *guipures,* das rendas.

É a hora indecisa em que o dia parece acabar e o movimento febril da Rua do Ouvidos relaxe-se, de súbito, como um delirante a gozar os minutos de uma breve acalmia. Ainda não acenderam os combustores, ainda não ardem a sua luz galvânica os focos elétricos. Os relógios acabaram de bater, apressadamente, seis horas. Na artéria estreita cai a luz acinzentadas das primeiras sombras —uma luz muito triste, de saudade e de mágoa. Em algumas casas correm com fragor as cortinas de ferro. No alto, como o teto custoso do beco interminável, o céu, de uma pureza admirável, parecendo feito de esmaltes translúcidos superpostos, rebrilha, como uma jóia em que se tivessem fundido o azul de Nápoles, o verde perverso de Veneza, os oiros e as pérolas do Oriente.

Já passaram as *professional beauties*, cujos nomes os jornais citam; já voltaram da sua hora de costureiro ou de joalheiro as damas do alto tom; e os nomes condecorados da finança e os condes do Vaticano e os rapazes elegantes e os deliciosos vestidos claros airosamente ondulantes já se sumiram, levados pelos «autos», pelas parelhas fidalgas, pelos bondes burgueses. A rua tem de tudo isso uma vaga impressão, como se estivesse sob o domínio da alucinação, vendo passar um préstito de que já passou. Há um hiato na féria das vaidades: sem literatos, sem poses, sem flirts. Passam apenas trabalhadores de volta da faina e operárias que mourejaram todo o dia.

Os operários vêm talvez mal-arranjados, com a lata do almoço presa ao dedo mínimo. Alguns vêm de tamancos. Como são feios os operários ao lado dos mocinhos bonitos de ainda há pouco! Vão conversando uns com os outros, ou calados, metidos com o próprio eu. As raparigas ao contrário: vêm

devagar, muito devagar, quase sempre duas a duas, parando de montra em montra, olhando, discutindo, vendo.

—Repara só, Jesuína.

—Ah! Minha filha. Que lindo!…

Ninguém as conhece e ninguém nelas repara, a não ser um ou outro caixeiro em mal de amor ou algum pícaro sacerdote de conquistas.

Elas, coitaditas! passam todos os dias a essa hora indecisa, parecem sempre pássaros assustados, tontos de luxo, inebriados de olhar. Que lhes destina no seu mistério a vida cruel? Trabalho, trabalho; a perdição, que é mais fácil das hipóteses; a tuberculose ou o alquebramento numa ninhada de filhos. Aquela rua não as conhecerá jamais. Aquele luxo será sempre a sua quimera.

São mulheres. Apanham as migalhas de feira. São as anônimas, as fulanitas do gozo, que não gozam nunca. E então, todo dia, quando o céu se rocalha de oiro e já andam os relógios pelas seis horas, haveis vê-las passar, algumas loiras, outras morenas, quase todas mestiças. A mocidades dá-lhes a elasticidades dos gestos, o jeito bonito do andar a essa beleza passageira que chamam —do diabo. Os vestidos são pobres: saias escuras, sempre as mesmas; blusa de chitinha rala. Nos dias de chuva um parágua e a indefectível pelerine. Mas essa miséria e limpa, escovada. As botas brilham, a saia não temu ma poeira, as mãos foram cuidadas. Há nos lóbulos de algumas orelhas brincos simples, fechando as blusas lavadinhas, broches "montana", donde escorre o fio de uma *chatelaine.*

Há mesmos anéis —correntinhas de ouro, pedras que custam barato; coralinas, lápis-lazúli, turquesas falsas. Quantos sacrifícios essa limpeza não representa? Quantas concessões não atestam, talvez, os modestos pechisbeques!

Elas acordaram cedo, foram trabalhar. Voltam para o lar sem conforto, com todas as ardências e os desejos indomáveis dos vinte anos.

A rua não lhes apresenta só o amor, o namoro, o desvio... Apresenta-lhes o luxo. E cada montra e a hipnose e cada rayon de modas é o foco em torno do qual reviravolteiram e anseiam as pobres mariposas.

—Ali no fundo, aquele chapéu...

—O que tem uma pluma?

—Sim, uma pluma verde... Deve ser caro, não achas?

São duas raparigas, ambas morenas. A mais alta alisa instintivamente os bandos, sem chapéu, apenas com pentes de ouro falso. A montra reflete-lhe o perfil entre as plumas, as rendas de dentro; e enquanto a outra afunda o olhar nos veludos que realçam toda a espetaculização do luxo, enquanto a outra

sofre aquela tortura de Tântalo, ela mira-se, afina com as duas mãos a cintura, parece pensar cousas graves. Chegam, porém, mais duas. A pobreza feminina não gosta dos flagrantes de curiosidade invejosa. O par que chega, por último, para hesitante. A rapariga alta agarra o braço da outra:

— Anda daí! Pareces criança.

— Que véus, menina! Que véus!...

— Vamos. Já escurece.

Param, passos adiante, em frente às enormes vitrinas de uma grande casa de modas. As montras estão todas de branco, de rosa, de azul; desdobram-se em sinfonias de cores suaves e claras, dessas cores que alegram a alma. E os tecidos são todos leves —irlandas, guipures, pongées, rendas. Duas bonecas de tamanho natural —as deusas do "Chiffon" nos alteres da Frivolidade— vestem com uma elegância sem par; uma de branco, robe Empire; outra de rosa, com um chapéu cuja pluma negra deve custar talvez duzentos mil réis.

Quanta coisa! Quanta coisa rica! Elas vão para a casa acanhada jantar, aturar as rabugices dos velhos, despir a blusa de chita —a mesma que hão de vestir amanhã... E estão tristes. São os pássaros sombrios no caminho das tentações. Morde-lhes a alma a grande vontade de possuir, de ter o esplendor que se lhes nega na polidez espelhantes dos vidros.

Por que pobres, se são bonitas, se nasceram também para gozar para viver?

Há outros pares gárrulos, alegres, doudivanas, que riem, apontam, esticam o dedo, comentam alto, divertem-se, talvez mais felizes e sempre mais acompanhadas. O par alegre entontece diante de uma casa de flores, vendo as grandes *corbeilles*, o arranjo sutil das avencas, dos cravos, das angélicas, a graça ornamental dos copos de leite, o horror atraente das parasitas raras.

—Sessenta mil réis aquela cesta! Que caro! Não é para enterro, pois não?

—Aquilo é para as mesas. Olhe aquela florzinha. Só uma, por vinte mil réis

—Você acha que comprem?

—Ora, para essas moças... os homens são malucos.

As duas raparigas alegres encontram-se com as duas tristes defronte de uma casa de objetos de luxo, porcelanas, tapeceiras. Nas montras, com as mesmas atitudes, as estátuas de bronze, de prata, de terracota, as cerâmicas de cores mais variadas repousam entre tapetes estranhos, tapetes nunca vistos, que parecem feitos de plumas de chapéu. Que engraçado! Como deve ser bom pôr os pés na maciez daquela plumagem! As quatro trocam ideias.

—De que será?

A mais pequena lembra perguntar ao caixeiro, muito importante, à porta. As outras tremem.

—Não vá dar uma resposta má...

—Que tem?

Hesita, sorri, indaga:

—O senhor faz favor de dizer... Aqueles tapetes?...

O caixeiro ergue os olhos irônicos.

—Bonitos, não, é? São de cauda de avestruz. Foram precisos quarenta avestruzes para fazer o menor. A senhora deseja comprar?

Ela fica envergonhadíssima; as outras também. Todas riem tapando os lábios com o lenço, muito coradas e muito nervosas.

Comprar! Não ter dinheiro para aquele tapete extravagante parece-lhes ao mesmo tempo humilhante e engraçado.

—Não, senhor, foi só para saber. Desculpe...

E partem. Seguem como que enleadas naquele enovelamento de coisas capitosas —montra de rendas, montras de perfumes, montras de toilettes, montras de flores— a chamá-las, a tentá-las, a entontecê-las com o corrosivo desejo de gozar. Afinal, param nas montras dos ourives.

Toda a atmosfera já tomou um tom de cinza escuro. Só o céu de verão, no alto, parece um dossel de paraíso, com o azul translucido a palpitar uma luz misteriosa. Já começaram a acender os combustores na rua, já as estrelas de oiro ardem no alto. A rua vai de novo precipitar-se no delírio.

Elas rixam a atenção. Nenhuma das quatro pensa em sorrir. A joia é a suprema tentação. A alma da mulher exterioriza-se irresistivelmente diante dos adereços. Os olhos cravam-se ansiosos, numa atenção comovida, que guarda e quer conservar as minucias mais insignificantes. A prudência das crianças pobres fá-las reservadas.

—Oh! aquelas pedras negras!

—Três contos!

Depois, como se ao lado um príncipe invisível estivesse a querer recompensar a mais modesta, comentam as joias baratas, os objetos de prata, as bolsinhas, os broches com corações, os anéis insignificantes.

—Ah! Se eu pudesse comprar aquele!

—É só quarenta e cinco! E aquele reloginho, vês? de ouro...

Mas, lá dentro, o joalheiro abre a comunicação elétrica, e de súbito, a vitrina, que morria na penumbra, acende violenta, crua, brutalmente, fazendo faiscar os ouros, cintilar os brilhantes, coriscar os rubis, explodis a luz veludosa das safiras, o verde das esmeraldas, as opalas, os esmaltes, o azul

das turquesas. Toda a montra é um tesouro no brilho cegador e alucinante das pedrarias.

Elas olham serias, o peito a arfar. Olham muito tempo e, ali, naquele trecho de rua civilizada, as pedras preciosas operam, nas sedas dos escrínios, os sortilégios cruéis dos antigos ocultistas. As mãozinhas bonitas apertam o cabo da sombrinha como querendo guardar um pouco de tanto fulgor; os lábios pedem no esforço da estação; um vinco ávido acentua os semblantes. Onde estará o Principe Encantador? Onde estará o velho D. Joao?

Um suspiro mais forte ─a coragem da que se libertou da hipnose─ fá-la despegar-se do logar. É noite. A rua delira de novo. À porta dos cafés e das confeiteiras, homens, homens, um estridor, uma vozeira. Já se divisam perfeitamente as pessoas no Largo de S. Francisco ─onde estão os bondes para a Cidade Nova, para a Rua da América, para o Saco. Elas tomam um ar honesto. Os tações das bonitas batem no asfalta. Vão como quem tem pressa, como que perdeu muito tempo.

Da Avenida Uruguaiana para diante não olham mais nada, caladas, sem comentários.

Afinal chegam ao Largo. Um adeus, dois beijos, «até amanhã!».

Até amanhã! Sim, elas voltarão amanhã, elas voltam todo dia, elas conhecem nas suas particularidades todas as montras de Feira das Tentações, elas continuarão a passar, à hora do desfalecimento da artéria, mendigas do luxo, eternas fulanitas da vaidade, sempre com a ambição enganadora de poder gozar as jóias, as plumas, as rendas, as flores.

Elas hão de voltar, pobrezinhas ─porque a esta hora, no canto do bonde, tendo talvez ao lado o conquistador de sempre, arfa-lhes o peito a tem as mãos frias com a ideia desse luxo corrosivo. Hão de voltar, caminho da casa, parando aqui, parando acolá, na embriaguez da tentação ─porque a sorte as fez mulheres e as fez pobres, porque a sorte não lhes dá, nesta vida de engano, senão a miragem do esplendor para perdê-las mais depressa.

E haveis então de vê-las passar, as mariposas do Luxo, no seu passinho modesto, duas a duas, em pequenos grupos, algumas loiras, outras morenas...

LAS MARIPOSAS DEL LUJO

─Mira, María...

─¡Es verdad!¡Qué bonito!

Las dos chicas se inclinan hacia la vitrina, con sus ojos ansiosos y una arruga extraña en sus labios.

Atrás del cristal pulido, artísticamente dispuesto, entre estatuatillas que presentan platos con baratijas de fantasias y la fantasia policroma de colecciones de abanicos, despliegues de seda, plumas, encajes de guipur y más encaje.

Es la hora indecisa en que el día parece terminar y el movimiento febril de la calle del Ouvidor de repente se refleja como un delirante que disfruta de los minutos de una breve tranquilidad. Aún no se encendieron los postes de luz; aún la luz galvánica no arde los fusibles eléctricos. Los relojes dieron apresuradamente las seis. La luz grisácea de las primeras sombras cae sobre la estrecha arteria: una luz muy triste de añoranza y tristeza. En algunas casas, las cortinas de hierro son corridas con estrépito. En lo alto, como el costoso techo del interminable callejón, el cielo, de una pureza admirable, parece cubierto de esmaltes traslúcidos, brillando como una joya en la que se hubieran fundido el azul de Nápoles, el verde perverso de Venecia, los oros y las perlas de Oriente.

Los *professional beauties,* cuyos nombres citan los periódicos, ya regresaron de la hora del sastre o del joyero; las damas de la alta clase, los nombres condecorados de las finanzas y los condes vaticanos, los elegantes muchachos y los deliciosos vestidos ligeros que ondulan con elegancia ya desaparecieron, llevados por los «autos», por las nobles parejas y los tranvías burgueses. La calle tiene una vaga impresión de todo esto, como si estuviera presa de una alucinación, viendo un espectáculo que ya pasó. Hay un momento en la feria de las vanidades: sin literatos, sin *poses*, sin *flirts.* Solo pasan obreros que regresan de sus trabajos y operarias que trabajaron todo el día.

Los obreros pueden venir mal vestidos con la lata del almuerzo colgada del dedo meñique. Algunos llevan zuecos. ¡Qué feos son los obreros al lado de los jóvenes guapos de antes! Van conversando entre ellos o callados, metidos en sus asuntos. Las chicas, en cambio, vienen despacio, muy despacio, casi siempre de dos en dos, parándose de vitrina en vitrina, mirando, discutiendo, observando.

—Echa un vistazo, Jesuína.

—¡Ah! Hija mía. ¡Qué lindo!…

Nadie las conoce y nadie se fija en ellas, salvo uno que otro cajero enamorado o algún cura piadoso de conquistas.

¡Pobrecitas! Pasan todos los días en esta hora indecisa, siempre parecen pájaros asustados, mareados de tanto lujo, embriagados de tanto mirar. ¿Qué les depara la cruel vida? Trabajo, trabajo; perdición, que es la más fácil de las

hipótesis; tuberculosis o agotamiento en una camada de niños. Aquella calle nunca las conocerá. Ese lujo será siempre su ilusión.

Son mujeres que recogen las sobras del mercado. Son las anónimas, las fulanitas del disfrute, las que nunca disfrutan. Y entonces, cada día que el cielo brilla de oro y los relojes marcan las seis, las verás pasar; algunas rubias, otras morenas, casi todas mestizas. La juventud les da la elasticidad de los gestos, la hermosa forma de andar y esa belleza fugaz que llaman del diablo. Los vestidos son pobres: faldas oscuras, siempre las mismas; blusas finas de cretona. En los días de lluvia, llevan paraguas y las imprescindibles pelerinas. Pero esta miseria está limpia, cepillada. Las botas brillian, la falda no tiene polvo, las manos estan cuidadas. Hay pendientes sencillos en los lóbulos de algunas orejas; cerrando las limpias blusas, broches de «Montana», de los que cuelgan del hilo de una *chatelaine*.

Incluso hay anillos: cadenas de oro, piedras baratas: coral, lapislázuli, turquesa falsa. ¿Cuántos sacrificios no representa esta limpieza? ¿Cuántas concesiones atestiguan acaso las modestas gangas?

Se levantan temprano y van a trabajar. Vuelven a casa sin comodidades, con todo el ardor y los deseos indomables de sus veinte años.

La calle no solo les muestra amor, flirteo o desvío; les muestra el lujo. Y cada vitrina, cada hipnosis y cada *rayón* de moda es el foco en torno al cual giran y anhelan las pobres mariposas.

—Ahí en el fondo, ese sombrero...

—¿El que tiene una pluma?

—Sí, una pluma verde... debe ser caro, ¿no crees?

Son dos chicas, ambas morenas. La más alta se alisa instintivamente el flequillo, sin sombrero, solo con peines de oro falso. El vidrio de la vitrina refleja su perfil entre las plumas y el encaje interior; la otra hunde la mirada en los terciopelos que acentúan todo el lujo espectacular; mientras la otra sufre esa tortura de Tántalo, se mira a sí misma, se ajusta la cintura con ambas manos y parece tener pensamientos serios. Luego llegan dos más. A la pobreza femenina no le gusta la fragrancia de la curiosidad envidiosa. La última pareja en llegar se detiene con duda. La chica alta agarra del brazo a la otra:

—¡Vamos! Pareces una niña.

—¡Qué ves, niña! ¡Qué ves!...

—Vámonos. Está oscureciendo.

Se detienen, unos pasos más adelante, ante las enormes vitrinas de una gran casa de modas. Las vitrinas son blancas, rosas y azules; se dividen en sinfonías de colores suaves y claros, de esos que alegran el alma. Y los tejidos

son todos ligeros: irlandeses, guipures, *pongées*, encajes. Dos muñecas de tamaño natural ─las diosas de la «gasa» en las alturas de la frivolidad─ están vestidas con una elegancia sin igual; una de blanco, con una bata imperial; la otra de rosa, con un sombrero cuya pluma negra debe costar quizá doscientos mil reales.

¡Qué cantidad!¡Cuántas cosas caras! Entran en la acogedora casa a cenar, a aguantar los refunfuños de los viejos, a quitarse la blusa de cretona, la misma que llevarán mañana.... Y están tristes. Son los pájaros oscuros en el camino de las tentaciones. Les muerde el alma el gran deseo de poseer, de tener el esplendor que el espejo de cristal limpio les niega.

¿Por qué pobres, si son bonitas, si además nacieron para disfrutar de la vida?

Hay otras parejas que hablan demasiado, alegres, atolondradas, que ríen, señalan, estiran los dedos, comentan en voz alta, se divierten, tal vez más felices y siempre más acompañadas. Entonces la pareja feliz se detiene frente a una floristería, contemplando las grandes *corbeilles*, la sutil disposición de los culantrillos de pozo, de los claveles y de las angélicas, la gracia ornamental de los lirios de agua, el horror atractivo de la extraña maleza.

─¡Sesenta mil reales por esa cesta! ¡Qué caro! No es para enterrar, ¿verdad?

─Es para las mesas. Mira esa florecita. Solo una, por veinte mil reales.

─ ¿Crees que la comprarán?

─ Bueno, para estas chicas... Los hombres están locos.

Las dos chicas felices se encuentran con las dos tristes delante de una casa de objetos de lujo, porcelana y alfombras. En las vitrinas, con las mismas actitudes, estatuas de bronce, plata, terracota, y cerámicas de los colores más variados descansan entre alfombras extrañas, alfombras nunca vistas, que parecen hechas de plumas de sombrero. ¡Qué agradable debe de ser poner los pies sobre la suavidad de ese plumaje! Las cuatro intercambian ideas.

─¿Qué puede ser?

La más joven decide preguntar al vendedor desde la puerta. Las demás se estremecen.

─No des una mala respuesta...

─¿Qué tiene?

Duda, sonríe y pregunta:

─¿Podría decirme, por favor... esas alfombras?

El vendedor levanta la vista con ironía.

─ Bonitas, ¿verdad? Están hechas con colas de avestruces. Se necesitaron cuarenta avestruces para hacer la más pequeña. ¿Quiere comprarlas?

Avergonzadas, todas se ríen cubriendo sus labios con los pañuelos; están muy sonrojadas y nerviosas.

¡De compras! No tener dinero para esa extravagante alfombra les parece tan humillante y divertido a la vez.

—No, señor, solo le preguntaba. Disculpe...

Y se marchan. Siguen como enredadas en esa maraña de cosas cautivadoras —vitrinas de encajes, de perfumes, de tocadores, de flores— llamándolas, tentándolas, atontándolas con el corrosivo deseo de disfrutar. Al final, se detienen en las vitrinas de los orfebres.

Todo el ambiente ya adquirió un tono gris oscuro. Solo el cielo de verano, en lo alto, parece el borde costero del paraíso, con su azul translúcido palpitante de una luz misteriosa. Las bombillas de los postes ya empezaron a encenderse; las estrellas doradas ya arden en lo alto. La calle vuelve a entrar en delirio.

Compiten por llamar la atención. Ninguna de las cuatro piensa en sonreír. Las joyas son la tentación suprema. El alma de la mujer se exterioriza irresistiblemente ante los adornos. Sus ojos se clavan ansiosos, con una atención conmovida que guarda y quiere conservar las minucias más insignificantes... La prudencia de los pobres niños las hace reservadas.

—¡Oh, esas piedras negras!

—¡Treinta mil reales!

Luego, como si un príncipe invisible quisiera recompensar a la más modesta, comentan las joyas baratas, los objetos de plata, los monederos pequeños, los broches con corazones, los anillos insignificantes.

—Oh, ¡si pudiera comprarme ese!

—¡Solo cuesta cuarenta y cinco! Y ese relojito, ¿ves?, de oro...

Pero dentro, el joyero conecta el enchufe y, de repente, la vitrina, que agonizaba en la oscuridad, se ilumina violenta, cruda, brutalmente, haciendo centellear el oro, los brillantes, ruborizar los rubíes, estallar la luz aterciopelada de los zafiros, del verde de las esmeraldas, de los ópalos, de los esmaltes, y del azul de las turquesas. Toda la vitrina es un tesoro en el brillo cegador y alucinante de las piedras.

Se ven serias, con el pecho agitado. Se quedan mirando durante mucho tiempo y allí, en ese tramo de calle civilizada, las piedras preciosas hacen, sobre las sedas de los escribas, los crueles sortilegios de los antiguos ocultistas. Las lindas manitas se aferran al mango del paraguas como queriendo conservar algo del brillo; los labios suplican en el esfuerzo de la estación; una arruga ansiosa acentúa sus semblantes. ¿Dónde está el príncipe azul? ¿Dónde está el viejo don Juan?

Un suspiro más fuerte ─el coraje de quien se liberó de la hipnosis─ la hace abandonar el lugar. Es de noche. La calle vuelve a delirar. En las puertas de los cafés y de las pastelerías hay hombres y más hombres, un estruendo, una voz. La gente ya se ve claramente en la plaza del Largo de San Francisco, donde están los tranvías que van a la Ciudad Nueva, a la calle de América y a la calle de Saco. Ellas parecen honradas. Los tacones de las guapas golpean el asfalto. Caminan como si tuvieran prisa, como si hubieran perdido mucho tiempo.

A partir de la avenida Uruguay no miran nada más. Quedan en silencio, sin comentarios.

Al llegar a la plaza Larga, se dan un adiós, dos besos, y un «¡hasta mañana!».

¡Hasta mañana! Sí, ellas volverán mañana, vuelven todos los días, conocen todas las vitrinas de la Feria de las Tentaciones en sus particularidades; seguirán pasando, a la hora de la desaparición de la arteria, mendigas del lujo, eternas fulanitas de la vanidad, siempre con la engañosa ambición de poder disfrutar de las joyas, de las plumas, de los encajes, de las flores.

Ellas volverán, pobrecitas, porque a estas horas, en la esquina del tranvía, tal vez al lado del conquistador de siempre, se les agita el pecho y se les enfrían las manos al pensar en este lujo corrosivo. Volverán, camino de casa, deteniéndose aquí, deteniéndose allá, en la embriaguez de la tentación, porque el destino las hizo mujeres y las hizo pobres, porque el destino no les da en esta vida de engaño más que la mirada del esplendor para perderlas más rápidamente.

Y entonces verás pasar a las mariposas del lujo, a su modesto paso, de dos en dos, en grupitos, unas rubias, otras morenas...

FUENTE DEL ORIGINAL

Do Rio, João (1910). «Las mariposas del lujo». En *A alma encantadora das ruas* (pp. 177-186). H. Garnier.

FUENTE CITADA

Barreto, Isabelle (2023). «As mariposas do luxo»: desenho como difusão da iconografia de uma época. *Anais Do Seminário Do Programa De Pós-Graduação Em Desenho, Cultura e Interatividade*, vol. 1 (1), 11-30. https://doi.org/10.13102/dci.v1i1.9625